

DO RAP À LITERATURA INFANTIL PREMIADA: *UM GAROTO CHAMADO RORBETO*, DE GABRIEL O PENSADOR

Nathalia Costa ESTEVES (G-PIBIC-CNPq/UEM)

Alice Áurea Penteadó MARTHA (UEM)

ISBN: 978-85-99680-05-6

REFERÊNCIA:

ESTEVES, Nathalia Costa; MARTHA, Alice Áurea Penteadó. Do rap à literatura infantil premiada: um garoto chamado Rorbeto, de Gabriel o Pensador. In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007, Maringá. *Anais...* Maringá, 2009, p. 769-776.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho privilegia a construção literária de *Um garoto chamado Rorbeto* (Cosacnaify, 2005), de Gabriel O Pensador, com o objetivo de levantar no texto elementos estruturadores da narrativa, em especial, a linguagem, de ritmo marcadamente *rap*, a construção da personagem infantil, bem como o projeto gráfico, original e adequado ao pequeno leitor. O livro recebeu um dos mais importantes prêmios dirigidos à literatura no Brasil, o Prêmio Jabuti de 2006, como melhor produção infantil, além do selo de obra *Altamente Recomendável - AR-2006*, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

O texto revela um momento surpreendente na carreira do músico que, aos 31 anos e sete discos no currículo, inicia o trabalho de escritor infantil, já premiadíssimo. A arte da criação literária, mágica e complexa, exige, além de outros requisitos, competência lingüístico/cultural do artista, e Gabriel O Pensador, com o livro em questão, demonstra que pode produzir textos de qualidade que agradem não só aos pequenos leitores, mas a todos aqueles que se interessam pela literatura. A simplicidade do enredo e da relação entre tempo e espaço, importante em textos destinados ao leitor jovem, a criação de personagens interessantes e a presença de um narrador emancipador endossam o talento desse novo escritor para crianças.

Filho de jornalista, branco e de classe média alta, Gabriel afirma não ter sofrido nenhum tipo de preconceito ao se aventurar pelo mundo do *hip-hop* quando se tornou cantor e conheceu o sucesso com a música *Tô Feliz (Matei o presidente)*, em 1992, ao abordar questões relativas ao *impeachment* do presidente Fernando Collor, que havia acabado de renunciar após escandaloso processo por corrupção. Após esse sucesso inicial, Gabriel transformou-se em uma nova força do rap brasileiro com as músicas

Lôraburra e Retrato de um Playboy. As letras de suas músicas apresentam críticas sociais declaradas e falam sobre os mais diversos temas. A música *Estudo Errado*, por exemplo, questiona a eficácia do ensino no país:

*Me dei bem, tirei um cem e quero ver quem me reprova
Decorei toda lição
Não errei nenhuma questão
Não aprendi nada de bom
Mas tirei dez (boa filhão)
Quase tudo que aprendi, amanhã eu já esqueci
Decorei, copiei, memorizei, mas não entendi.
(www.vagalume.uol.com.br/gabriel-pensador/)*

Outra música que aborda um tema importante a ser discutido é *Racismo é Burrice*:

*Salve, meus irmãos africanos e lusitanos, do outro lado do oceano
“O Atlântico é pequeno para nos separar, porque
O sangue é mais forte que a água do mar”
Racismo, preconceito e discriminação em geral:
É uma burrice coletiva sem explicação.
(www.vagalume.uol.com.br/gabriel-pensador/)*

Tais ingredientes, marcadamente críticos, levaram Gabriel a alcançar o sucesso como cantor de *rap*, um estilo musical novo no país, vindo dos Estados Unidos e que começou a se proliferar aqui na década de 80.

O RAP DE RORBETO

A narrativa, toda em versos e no ritmo do *rap*, relata a história de um garoto, chamado Rorbeto, que descobre, quando aprende a contar, que tem seis dedos em uma das mãos e começa a sentir muita vergonha desse aspecto físico diferente. Um dia, no entanto, passa a ser invejado por seus colegas, quando a professora o elogia em razão da letra bonita, pois os garotos acreditam que é em razão desse dedo a mais que ele tem a mais bela caligrafia da classe. Além da diferença no que se refere à questão física, a narrativa aborda também problemas sociais, como o acesso ao saber e à escola por classes menos favorecidas, sem ser piegas ou ideológica. O pai do menino, analfabeto, não soube soletrar corretamente o nome que pretendia dar ao filho, o que explica a presença de uma letra “fora do lugar”: *RoRbeto*.

Ao iniciar a narrativa, o narrador o faz com uma estrofe bastante sugestiva, que prepara o leitor para a história que vem chegando. De forma original, realiza uma brincadeira com a clássica introdução “Era uma vez...” dos contos de fadas, antecipando aos pequenos leitores, com esse recurso, a diversão e a magia da leitura, convidando-os a se entregarem a ela:

*Veza uma era...
Quer dizer:
Uma era vez...
Ou melhor:*

Veza era uma...
Desculpem:
Era uma veza...
(Agora sim!) (Cosacnaify, 2005, p. 06-07)

Em relação a essa brincadeira inicial do narrador com a fórmula mágica dos contos de fadas, Fanny Abramovich (1989) considera esse tom humorístico um recurso importante para o êxito de um livro destinado às crianças. Segundo ela, o humor não é fazer gracinhas ou contar piadas sem graça, mas ter uma visão desinibida e descondicionada de tudo; é uma nova forma de perceber velhas coisas, sem preconceitos ou estereótipos. Neste caso, o narrador soube valorizar esse aspecto, de forma a tornar seu texto ainda mais atraente. Assim como Abramovich, Lajolo (in: YUNES & PONDÉ, 1988) ressalta que a linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividades (autor e leitor) que escapa ao imediatismo e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. No caso, o narrador certamente elaborou um outro significado ao universo do *Era uma veza*, fugindo ao uso comum, encadeando as palavras e delineando seu texto até chegar ao resultado apresentado, que tanto prazer pode trazer aos leitores.

O narrador, em 3ª pessoa, acompanha a vida de Rorbeto desde seu nascimento, mas em momento nenhum, procura conduzir a leitura, apresentando o ponto de vista de um adulto; pelo contrário, mostra-se bastante neutro e emancipador, ou seja, ele não limita a interpretação do jovem leitor, mas lhe dá espaço para entender o texto como quiser, como seus conhecimentos e sentimentos permitirem. Zilberman & Magalhães (1987) ressaltam em seu livro *Literatura Infantil: Autoritarismo e emancipação* que o narrador pode alcançar efeitos artísticos bastante complexos. É interessante que o leitor tenha assegurado o seu lugar na composição literária, que está repleta de lacunas que devem ser supridas pela interpretação de cada um. Assim, é da habilidade do narrador que nascem simultaneamente uma obra organizada e uma criação aberta à operação de leitura e ao deciframento, o que fica muito claro em *Um garoto chamado Rorbeto*; ou, pelo contrário, ele - o narrador - pode ter uma posição mais arbitrária, introduzindo comentários, manipulando as emoções do leitor e transmitindo normas do mundo adulto através de sua participação na narração, o que foi sempre comum, graças à relação de proximidade entre literatura infantil e pedagogia, que existiu desde o surgimento desse gênero literário, no século XVIII.

Yunes & Pondé (1988) também ressaltam o quanto é importante o caráter emancipatório de uma obra e afirmam que, para ter essa qualidade, ela precisa conter múltiplos pontos de vista, que brotem do texto e dos personagens, assegurando ao leitor a sua opção, a sua liberdade em relação ao texto. É o leitor que realiza o seu julgamento de valor e não o narrador. As autoras observam, ainda, que a interação da criança com a literatura contribui para a promoção do pensamento crítico, formando cidadãos para a vida, proporcionando-lhes valores essenciais para se viver em sociedade.

No texto em pauta, é possível observar como o narrador assegura a perspectiva infantil ao apresentar a história, uma vez que ele valoriza atitudes, interesses e sentimentos da criança, notadamente, o gosto pelas brincadeiras e a imaginação fértil:

Às vezes, além das velas,
Também se acendem fogueiras.

*Não dava pra jogar bola,
Mas tinha mil brincadeiras.
No céu tinha um monte de estrelas,
Formando estranhas figuras;
Nas árvores, jabuticabas,
Brilhando de tão maduras.* (Cosacnaify, 2005, p. 13)

Toda a consciência crítica do narrador extrapola, sutilmente, os limites do texto, promovendo a conscientização do leitor, pois, em vez de tornar o dedo a mais do protagonista um problema, o narrador enfatiza o quanto Rorbeto é especial e único, como todas as crianças:

*“Queremos ser como Rorbeto da mão de ouro!”
Rorbeto gostou de elogio,
Ficando até bem comovido,
Mas quis explicar aos amigos
Que aquilo era um mal-entendido:
“Botar a mão na sacola
Não ajuda a fazer letra boa.
Fizeram a maior confusão
Com as mãos nas sacolas à toa”.* (Cosacnaify, 2005, p. 42)

Desse modo, o narrador parece compreender e validar a proposta literária para a infância que, segundo Yunes & Pondé (1988), vem se fortalecendo desde a década de 70 e consiste em não submeter o leitor aos padrões estabelecidos, mas libertá-lo de todo tipo de opressão e preconceito. Daí a importância de várias identidades apresentadas nas obras literárias: diferentes raças, deficiências físicas, classes sociais e idades.

Rorbeto, o protagonista, tem uma família pobre, mas, embora analfabeto, o pai dá ao menino a base para uma boa educação: o amor, que constitui um dos temas do livro. Rorbeto é construído como uma criança comum, como qualquer um dos seus possíveis leitores, uma vez que seus desejos e ansiedades são as de qualquer criança, como podemos ver já nos momentos iniciais da narrativa:

*Rorbeto ainda era pequeno,
Mas já caminhava e corria.
Também já sabia falar.
E além de falar, ele ouvia.
Crianças aprendem a pensar.
E ele aprendeu desde cedo.* (Cosacnaify, 2005, p. 15)

Esse último verso, se escrito antes do século XVIII, quando a literatura infantil ainda engatinhava e quando a criança não tinha quase nenhuma importância, certamente causaria estranheza. Foi só depois do século XVII que a criança passou a ser vista com alguma importância na sociedade; antes disso, não havia o período da vida a que chamamos de “infância” e, portanto, também não havia uma literatura específica para elas (ZILBERMAN, 2003). Todo o percurso histórico que a literatura para crianças percorreu a fez desembocar em textos menos moralizantes e mais inteligentes e bem humorados, caso da narrativa de que nos ocupamos neste texto.

O garoto *Rorbeto* não é diferente dos demais: também tem seus medos, suas incertezas, qualidades e segredos e somente quando aprendeu a contar descobriu ter um sexto dedo em uma das mãos: isso o surpreendeu e assustou tanto que decidiu esconder sua mão direita de todo mundo. Tal fato parece refletir bem a simplicidade de seus pais, que nem perceberam essa “diferença”, ou tiveram vergonha dela e se calaram, o que revela também ignorância. Ter seis dedos em uma das mãos o fez ter medo de ser discriminado pelos colegas ou pela professora, mas o que realmente aconteceu foi que todos o fizeram sentir-se especial e não “diferente”. Seu apelido ficou sendo “Rorbeto da mão de ouro”:

*Rorbeto escutou as perguntas,
Mas não quis dizer a resposta.
Ficou com vergonha da mão,
A direita, e botou-a nas costas.* (Cosacnaify, 2005, p. 27)

Khedé (1986) afirma que toda obra literária pressupõe uma co-participação por parte do leitor, que precisa preencher os vazios significativos do texto. Para tanto, é necessário que os escritores de obras infantis busquem a comunicação com o leitor mirim através de sua identificação com os personagens. Por isso, o poder da voz do narrador deve ser relativizado para não se submeter às imposições didáticas. De acordo com Zilberman (2003), a relação entre leitor e obra emerge da coincidência entre o mundo representado no texto e aquele do qual faz parte o receptor. Quando o narrador diz que as crianças vão jogar bola, Rorbeto avisa: “Furem a luva, que eu vou ser goleiro!” (p. 47); a brincadeira de bola é bastante próxima do universo infantil do leitor, o que aumenta a relação de cumplicidade entre ele e a leitura.

O texto está repleto de passagens criativas e bem humoradas como essa, o que fortalece ainda mais o sucesso do livro entre as crianças. Desse modo, a apresentação do protagonista pelo narrador em *Um garoto chamado Rorbeto* é feita de modo que os leitores se identifiquem com o menino: ele vai à escola, brinca, joga bola, tem medo de ser discriminado pelos amigos, tira meleca do nariz:

*É que ele tentou com a esquerda,
Que não era a mão que ele usava,
Nem quando tirava meleca,
E nem quando desenhava.* (Cosacnaify, 2005, p. 31)

A linguagem utilizada é bastante próxima do universo infantil e conduz a leitura com um ritmo bem marcado, graças aos jogos rítmicos que lembram muito um *rap*: as frases são curtas e as palavras são fáceis de serem compreendidas, da mesma forma como as letras das músicas do autor. A semelhança entre a composição das letras musicais e o estilo literário de Gabriel O Pensador pode ser percebido na comparação entre os primeiros versos da música *Rap do Feio* e em uma passagem de *Um garoto chamado Rorbeto*:

*Dois irmãos gêmeos, um bonito e um feio.
Desde cedo o bonito sacaneava o feioso
Dizendo que mais tarde ele ia trabalhar num rodeio,*

Fazer careta pro touro e deixar o bicho nervoso. (Rap do Feio, www.vagalume.uol.com.br/gabriel-pensador/)

*A mãe tava tão feliz
Que nem prestou atenção.
Esperou por nove meses,
Com o bebê no coração. (Cosacnaify, 2005, p. 10)*

A partir da observação dos dois excertos acima, fica evidente a permanência de uma linguagem simples, próxima do cotidiano das pessoas, que transmite a mensagem sem rodeios lingüísticos, com o predomínio de períodos curtos. Essas são características do estilo *rap* e do texto direcionado ao público infantil. Desse modo, a experiência de Gabriel O Pensador como cantor e compositor ajudou-o muito na composição de seu primeiro livro. O próprio Gabriel, em entrevista a Guilherme Bryan, Revista Língua Portuguesa (www.revistalingua.uol.com.br), demonstra a sua preocupação com a linguagem:

A linguagem não é o mais difícil. Lógico que é importantíssima, e eu sou um cara que me preocupo muito com isso. Mas o maior desafio é ter uma boa idéia e saber passá-la às crianças. A preocupação maior tem de ser em encontrar um conteúdo legal, em vez de fazer uma coisa vazia de conteúdo, que pode até ter umas ilustrações bonitinhas, mas parece estar enrolando o leitor.

Gabriel O Pensador coloca sobre esse texto todos os seus conhecimentos musicais, mesclados com o literário. O resultado é a composição de rimas sugestivas, de um ritmo inovador e de uma história riquíssima. Por ser escrito em versos, o livro acaba aproximando os jovens leitores desse tipo de texto que, na maioria das vezes, é descartado por eles, ou seja, a poesia, que é a linguagem que mais revela o conteúdo humano, pois trata, sobretudo, das emoções (PONDE, in ZILBERMAN: *A produção cultural para crianças*, 1982). Abramovich (1989) afirma em seu livro *Literatura infantil: gostosuras e bobices* que, antigamente, as pessoas acreditavam no valor da poesia infantil moralizadora, que tratasse de temas patrióticos (geralmente tediosos) ou abordasse assunto piegas (órfãos, escravos, cartas de moças abandonadas); no entanto, hoje todos sabem que a poesia para crianças tem que ser, antes de tudo, muito boa: bela, cativante, surpreendente, prazerosa e divertida, como é o caso de *Um garoto chamado Rorbeto*.

O *rap* - palavra de origem inglesa que significa *rhythm and poetry* - é um gênero musical surgido na década de 70, nos Estados Unidos, e criado por jovens negros que buscavam uma nova sonoridade. Possui uma batida rápida e acelerada e as letras tratam, normalmente, dos problemas enfrentados pelas pessoas que moram em subúrbios das grandes cidades. Quando chegou ao Brasil, nos anos 80, muita gente não gostou do novo estilo, pois o associava à violência e à periferia, mas logo ele ganhou as rádios e muitos artistas começaram a aderir a essa nova batida. Hoje, o *rap* faz parte do cenário musical brasileiro e Gabriel O Pensador é um dos compositores e cantores mais representativos. Sem nenhuma dúvida, *Um garoto chamado Rorbeto* deve parte de sua originalidade à influência desse ritmo musical, que encontrou grande representação nos textos de Gabriel.

O projeto gráfico e a ilustração de Daniel Bueno também merecem destaque no livro. A cada vez que viramos uma página, nos surpreendemos com as ilustrações que utilizam recortes que vão de livros de física ao livro *Chapeuzinho Amarelo*, de Chico Buarque, sem falar na vivacidade das cores escolhidas, das páginas que podem ser similares a cadernos escolares, ou então quadriculadas. O projeto é extremamente inovador, com ilustrações que contam a história ao lado da linguagem verbal, que acompanham o desenrolar da fábula: no momento em que o menino está na escola, surge na página uma folha de caderno; quando descobre seu sexto dedo, lá está o desenho de sua mão com um rosto representando cada pessoa que Rorbeto usou para contar até cinco... ops, até seis (“Contou, só na sua mão direita, / Os pais, o cachorro e mais três. / Contou do dedão ao dedinho: / um, dois, três, quatro, cinco, / SEIS!” Cosacnaify, p. 16 a 19).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O final do século XX foi marcado pelo avanço tecnológico e dos meios de comunicação: estamos vivendo na *era da informática*, quase um mundo virtual. Assim, há quem pergunte se a literatura terá lugar nesse mundo. A resposta é certamente que sim. Nenhuma forma de ler o mundo é tão eficaz quanto a literatura, responsável pela formação da consciência das pessoas. Por essa razão, a literatura infantil vem conquistando seu espaço desde a década de 70, uma vez que é ela o agente ideal para a formação de uma nova mentalidade (COELHO, 2000). Além disso, todo o progresso na área da informática só tem a contribuir para a configuração de livros ainda melhores constituídos, com ilustrações belíssimas, como a feita pelo ilustrador do livro em questão.

Ao abordar temas como esses (analfabetismo, preconceito físico e pobreza), Gabriel O Pensador insere na literatura infantil brasileira, ao lado de tantos outros bons escritores, desde Monteiro Lobato, pontos importantes a serem discutidos e apresentados às crianças. Segundo Yunes & Pondé (1988), a literatura infantil pode contribuir para alterar e valorizar o processo educativo. Enquanto, muitas vezes, a escola alimenta uma proposta fragmentada, desarticulada e distante da realidade do aluno, a literatura pode oferecer elementos para a compreensão do real hoje. Assim, a arte literária pode ajudar na formação intelectual e ética das crianças, constituindo um importante meio pelo qual a sociedade pode progredir.

As riquezas lingüística, rítmica e ilustrativa não deixam dúvidas quanto ao merecimento do Prêmio Jabuti por esses dois artistas, Gabriel O Pensador e Daniel Bueno. O livro (que pode virar peça teatral esse ano) é uma história muito cativante que, abordando temas polêmicos, faz adultos e crianças ampliarem seus horizontes. Assim, *Um garoto chamado Rorbeto* é uma verdadeira obra de arte, merecedora de todo sucesso que tem alcançado.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil:** gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1989.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. 7ª ed. São Paulo: Moderna, 2000.

KHEDÉ, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil.** São Paulo: Ática, 1986.

O PENSADOR, Gabriel. **Um garoto chamado Rorbeto.** São Paulo: Cosacnaify, 2005.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil.** São Paulo: FTD, 1988.

ZILBERMAN, Regina (org). **A produção cultural para a criança.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** 13ª ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil:** Autoritarismo e Emancipação. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

WWW.revistalingua.uol.com.br

WWW.suapesquisa.com/rap

WWW.vagalume.uol.com.br/gabriel-pensador/